

A economia em tempo de crise, uma nova visão estratégica

Carlos Alberto Teixeira de Oliveira

"Retomar o crescimento é criar empregos. Toda a política econômica de meu governo estará subordinada a esse dever social. Enquanto houver, neste país, um só homem sem trabalho, sem pão, sem teto e sem letras, toda a prosperidade será falsa."

Tancredo Neves — 15.01.85

Há mais de vinte anos o Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais (BDMG) elaborava e divulgava o "Diagnóstico da Economia Mineira", estudo sistematizado e profundo sobre o comportamento da economia mineira de então.

Nesse período a economia de Minas cresceu muito, mais do que triplicou e transformou-se substancialmente. No entanto, como àquela época, o fantasma da estagnação paira novamente sobre a economia do Estado e do País. Obviamente, as circunstâncias são outras, são diversos os problemas; devem, pois, ser diferentes as soluções. O BDMG, como há mais de vinte anos, tornou recentemente pública a edição de novo documento, intitulado "Economia Mineira 1989 — Diagnóstico e Perspectivas", abrangente estudo em cinco volumes.

Como o anterior, o presente trabalho é uma contribuição do BDMG ao debate, imprescindível e urgente, sobre os problemas da economia mineira, suas potencialidades e as alternativas de superação da crise atual. É, também, por extensão, uma condenação ao debate da problemática econômica nacional. Sendo Minas Estado síntese do País, não se é nenhum exagero afirmar que o que for bom para Minas também o será para o Brasil. Não pretende o novo "Diagnóstico da Economia Mineira" uma volta ao passado nem, de forma alguma, enunciar verdades absolutas e irrefutáveis. Pelo contrário, neste momento em que o País está apreensivo pelas suas dificuldades e, por isso, impossibilitado de enxergar o futuro que tem em suas mãos, o novo estudo do BDMG é um grito de esperança e fé, não de retorno ao passado, mas aspirando-se nele.

O pessimismo cobre o País. A descrença é generalizada. Este é o pano de fundo que hoje se coloca diante de nós.

A superação desse estado de coisas e a retomada firme e sustentada do crescimento econômico são fundamentais e inadiáveis. Principalmente por dois motivos:



a) em primeiro lugar, pela enormidade dos problemas sociais do País — que se avolumam exponencialmente, com o aumento da população e a estagnação econômica, a partir de uma base já preocupantemente elevada;

b) em segundo lugar, o panorama internacional, que requer ações de vulto, no sentido da inserção do País na nova divisão internacional do trabalho. Se ficarmos ao largo desse processo, já designado como a terceira revolução industrial, perderemos não mais o bonde mas o foguete da História.

Reiterando afirmações anteriores, a única hipótese é a da retomada do crescimento econômico. Devemos acreditar na superação do quadro atual. O cenário de hoje não pode ser vislumbrado como definitivo, nem o será o da década vindoura.

Esta não é uma crença voluntarista nem gratuita.

Apóia-se nas incontestáveis potencialidades dos recursos humanos e naturais do País, na sua enorme energia social, latente e contida, que carece, apenas, ser coordenada e canalizada para efetivar-se. O episódio recente do Plano Cruzeiro assim o comprovou.

Apóia-se também em alguns outros aspectos mais específicos:

- a existência no País de uma estrutura industrial quase completa e com grau de modernização razoável, em comparação com países em desenvolvimento;

- a dimensão potencial do mercado interno;

- a excelente situação econômico-financeira das maiores empresas privadas brasileiras.

A revisão do quadro atual exigirá, no entanto, a superação de vários entraves que hoje imobilizam a economia nacional e, por consequência, as economias estaduais. Por outro lado, demandará a adoção de posturas ousadas e não convencionais por parte do governo e da sociedade, abrindo espaços e oportunidade para o real desenvolvimento e a modernização do País.

Agora, mais do que nunca, faz-se mister ousar, inovar, destituir-se de preconceitos e de verdades absolutas.

Minas e o Brasil encontram-se, hoje, em um momento crucial de sua história. Permeando todas as grandes questões que se debatem no Estado e no País está subjacente o dilema entre o moderno e o arcaico, o novo e o velho.

Por tudo isso, as questões de natureza ideológica tornam-se secundárias diante da importância de se retomar o crescimento econômico e atingir o desenvolvimento.

Carlos Alberto Teixeira de Oliveira é presidente do Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais.